

EMMANUEL MIELVAQUE, DA ALMA CONSULTING, AVISA

Empresas nacionais desconhecem incentivos fiscais para I&D



Apesar de Portugal ficar aquém dos outros países europeus, os sinais são optimistas no que toca a investimentos em I&D, de acordo com Emmanuel Mielvaque.

GUILHERME OSSWALD
guilherme@vidaeconomica.pt

As empresas nacionais ainda revelam um grande desconhecimento relativamente ao Sistema de Incentivos Fiscais à I&D Empresarial (SIFIDE). O que resulta em que muitas empresas estejam a desperdiçar um potencial de poupança significativo, de acordo com Emmanuel Mielvaque, responsável da Alma Consulting para a Península Ibérica.

A grande maioria das empresas com potencial para solicitar estes incentivos não está a tirar partido do crédito fiscal proporcionado pelo SIFIDE, um facto paradoxal, dado o clima de contenção que se vive. “Poder beneficiar de uma dedução directa à colecta de IRC até 82,5% do valor investido em investigação e desenvolvimento, com efeitos imediatos, acumulável até seis anos e compatível com outras ajudas e subvenções é uma mais-valia e uma solução para poupar recursos, que ficam disponíveis para outras actividades ou para reinvestir em I&D.”

É neste cenário que posiciona a Alma Consulting, como faz notar o seu responsável, permitindo que o processo de adesão ao SIFIDE decorra rapidamente e com a respectiva aprovação quase garantida. Seja como for, Emmanuel Mielvaque acha que o investimento em I&D não pode ser encarado como um encargo acrescido, antes como uma aposta no crescimento e na competitividade. “São investimentos que, mesmo em períodos de crise, não devem ser postos em causa, porque são muitas vezes a chave para a sobrevivência da empresa no mercado, ajudando-a a encontrar produtos de valor

acrescentado face à concorrência e formas de produzir mais eficientes, com desperdícios menores.”

O responsável da Alma Consulting chama a atenção para o facto do SIFIDE representar um dos incentivos fiscais mais generosos da Europa, não só pela fórmula de cálculo, que contempla o volume do I&D realizado nesse ano e o valor incremental face aos anos anteriores, permitindo às empresas recuperarem até 82,5% do valor investido, mas também pelo leque de despesas dedutíveis. “Como resultado dos esforços feitos pelos países da União Europeia, a percentagem do PIB investida em I&D cresceu de 1,86% em 2000, ano em que a Estratégia de Lisboa foi implementada, até mais de 2%, valor que não sendo notável não deixa de ser notável, especialmente tendo em conta que o crescimento se manteve, apesar do ambiente de crise económica que se tem vivido nos últimos anos.”

Quanto à situação de Portugal, Emmanuel Mielvaque acha que, apesar de tudo, existem sinais optimistas. A actividade do SIFIDE, entre 2006 e 2008, apresentou uma evolução positiva, passando-se de 424 candidaturas para 588. “Importa agora manter o nível de crescimento e generalizar a adesão ao programa, com o intuito de alterar as empresas para o seu potencial.” As perspectivas são tanto mais optimistas quanto 59% das empresas considera a inovação a prioridade estratégica para sair da crise e 62% das entidades aumentou o investimento em I&D nos dois últimos anos. E entre as empresas que beneficiaram do SIFIDE, a grande maioria tenciona contratar mais efectivos para actividades de I&D já este ano.